

UM ESTUDO ENUNCIATIVO DA NOÇÃO DE METALINGUAGEM: O QUE A AFASIA NOS PERMITE VER *

Verônica BUSATO

RESUMO *A noção de metalinguagem, de origem lógica, foi trazida para os estudos afasiológicos por JAKOBSON (1954, 1956, 1960) para explicar problemas lingüísticos apresentados por sujeitos afásicos. Posteriormente, LEBRUN (1983) serve-se também dessa noção motivado pelo esforço de retirar das explicações sobre a afasia o peso da concepção herdada da Afasiologia clássica de que a afasia seria um problema de linguagem interna, ou seja, reputada ao domínio mental. O presente trabalho propõe-se a retomar a discussão sobre a noção de metalinguagem no interior dos estudos neurolingüísticos, verificando como o fenômeno é interpretado à luz de uma perspectiva enunciativa de linguagem e da relação entre linguagem e cognição e as repercussões que resultam para a compreensão das afasias. Para realizar este percurso, além de apontar como a noção foi tratada em estudos lingüísticos e neurolingüísticos dos anos 80 do século XX, passa-se por reflexões na área de Psicolingüística uma vez que o tema neste campo tem sido relacionado ao crescente interesse sobre a linguagem manifestado pela criança. A fim de ilustrar as reflexões sobre a metalinguagem, vista do ângulo de uma perspectiva enunciativa de linguagem, são trazidos exemplos com dados já registrados por pesquisadores da área de Neurolingüística do Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.*

SUMMARY *The idea of metalanguage, of logical origin, was introduced into aphasiological studies by Jakobson (1954, 1956, 1960) to explain the linguistic problems manifested by aphasic subjects. Subsequently, Lebrun (1983) also uses this idea motivated by the effort to lift the weight of the inherited concept of classic Aphasiology that aphasia might be a problem of "inner speech", that is, considered to be in the mental domain. This dissertation proposes to reopen the discussion of*

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, intitulada *A noção de "metalinguagem" no campo da Neurolingüística: um estudo enunciativo*, apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, no dia 30 de agosto de 2001, sob a orientação da Profª. Drª. Edwiges Maria Morato.

the idea of metalanguage in the field of Neurolinguistics substantiating how the phenomenon is interpreted in light of an enunciative perspective of language and of the relationship between language and cognition and the repercussions that ensue for comprehension of aphasias. To accomplish this, besides pointing out how this idea was dealt with in linguistic and neurolinguistic studies in the 80's of the XX century, reflections in the area of Psycholinguistics are reviewed since the topic in this area has been connected to the growing interest about language in children. In order to illustrate the reflections about metalanguage as seen through the angle of the enunciative perspective of language, examples are used with data already recorded by research in the area of Neurolinguistics in the Department of Linguistics of the Institute of Language Studies of UNICAMP.

1. INTRODUÇÃO

Segundo Rey-Debove (1978/86), o interesse pelos fenômenos lingüísticos que dizem respeito à noção de metalinguagem remonta ao início do século IV a.C., sendo, já nesta época, preocupação de pensadores, filósofos, gramáticos e exegetas. Ainda de acordo com esta autora, dentro da tradição ocidental, as questões referentes à metalinguagem aparecem vinculadas inicialmente ao domínio dos lógicos e dos filósofos da linguagem. É no final do século XIX, que o conceito é construído a partir da epistemologia das ciências lógico-matemáticas, e, em 1924, o Círculo de Viena propõe-se a elaborar uma língua comum às ciências, visando garantir sua unidade. Obtém-se uma linguagem formalizada, suficiente para dar conta do pensamento científico, uma metalinguagem comum à matemática, à lógica e às línguas naturais.

A discussão da noção de metalinguagem em Língüística diz respeito ao fato de que as línguas naturais apresentam uma especificidade: elas não só se referem a coisas do mundo como podem se referir à elas próprias. Lyons (1977) explica que este traço ou propriedade é chamado de reflexividade. De acordo com o autor, os filósofos da linguagem têm tratado da questão em termos de uso e menção e os semânticos formais em termos de língua e metalíngua.

É um fenômeno que toca várias áreas da Língüística pois a presença deste “poder” da língua (nos termos de Benveniste, 1974/89), é sentido em diversos fatos lingüísticos, como nos usos criativos da linguagem: nas manifestações poéticas, efeitos de sentido; na linguagem infantil, quando a criança manifesta de variadas maneiras interesse em explorar a língua, fazendo perguntas sobre a linguagem, brincando com sons e palavras, repetindo formas, enfim, realizando intensa manipulação do objeto lingüístico.

Considera-se que é Jakobson quem promove explícita e sistematicamente a discussão sobre a metalinguagem em Língüística, ao pontuar que é um conceito de fundamental importância para esta ciência, uma vez que a considera essencial no

processo de aquisição da linguagem, no aprendizado de línguas estrangeiras, na efetivação da comunicação entre os falantes e aponta o seu comprometimento na patologia. Em vários trabalhos Jakobson discorre sobre a função metalingüística, e, apoiando-se nas idéias de Carnap e Tarski, serve-se da distinção lógica entre língua-objeto e metalinguagem para pensar esta função como aquela em que o falante faz uma “checagem” do código lingüístico.

Jakobson (1954/81, 1956/88, 1960/81) é considerado o primeiro lingüista a dedicar-se sistematicamente ao estudo das afasias¹. (Landi, 1994; Morato, 2001) Morato (*op.cit.*) destaca que é a partir dessa primeira incursão da teorização lingüística (já que, segundo a autora, as anteriores nada mais fizeram que coadjuvar as investigações de neurologistas) que se passou a acreditar na contribuição da Lingüística para a descrição da semiologia e do diagnóstico das afasias.

Para Jakobson (1956/88: 91), “*A metalíngua é deficiente nos afásicos que apresentam uma desordem da similaridade, chamada “perturbação sensorial”; apesar das instruções, não podem responder à palavra-estímulo do examinador com uma palavra ou expressão equivalente e carecem da capacidade de construir proposições equacionais. [...] A construção da primeira língua implica uma atitude para as operações metalingüísticas, e nenhuma familiarização com línguas posteriores é possível sem o desenvolvimento desta atitude; a destruição da metalíngua desempenha um papel substancial nas perturbações verbais.*”²(minha tradução) O autor defende, pois, a necessidade de uma atitude/capacidade para realizar operações metalingüísticas. Jakobson (1954, 1963) aborda a discussão do que considera os dois tipos fundamentais de afasias: o distúrbio da similaridade e o distúrbio da contigüidade e aponta que, no primeiro, haveria uma perda das operações metalingüísticas, ou seja, dificuldades para realizar operações de seleção e substituição de constituintes lingüísticos. No artigo “Lingüística e Poética” (1960: 127), Jakobson acentua: “[...] e a afasia pode ser definida, amiúde, como uma perda da capacidade de realizar operações metalingüísticas”.

¹ Segundo COUDRY, “*trata-se de uma perturbação nos processos de significação, em que há alterações em um dos níveis lingüísticos, com repercussão em outros, no funcionamento discursivo. Causada por lesão adquirida no sistema nervoso central em virtude de acidentes vasculares cerebrais, traumatismos crânio-encefálicos ou tumores, a afasia, em geral, é acompanhada por alterações de outros processos cognitivos e sinais neurológicos (como a hemiplegia, as agnosias, as apraxias, a discalculia). Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista lingüístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção e de interpretação*” (1993:55).

² “*La metalengua es deficiente en los afásicos que presentan un desorden de la similaridad, llamado “perturbación sensoria”; a pesar de las instrucciones, no pueden responder a la palabra-estímulo del examinador con una palabra o expresión equivalente y carecen de la capacidad de construir proposiciones ecuacionales. [...] La construcción de la primera lengua implica una aptitud para las operaciones metalingüísticas, y ninguna familiarización con lenguas ulteriores es posible sin el desarrollo de esta aptitud; el desmoronamiento de la metalengua desempeña un papel sustancial en las perturbaciones verbales.*”

Pode-se dizer que, em Lingüística, no que tange à metalinguagem, há basicamente duas posições: uma que considera o componente "meta" independente da linguagem, assumindo-se que tal componente é tributário de conteúdos cognitivos e, outra vertente que o entende integrado à linguagem, trata-o como constitutiva da linguagem.

Vamos encontrar em Jakobson um representante da posição que entende a metalinguagem como um sistema autônomo, separado e distinto da linguagem. Parece se configurar que, em Jakobson, o que estaria perdido na afasia seria a capacidade lógico-perceptiva de falar sobre a língua.

Esta Dissertação propõe-se a revisitar a noção de metalinguagem, um dos mais instigantes conceitos que foram incorporados aos estudos neurolingüísticos, e que acabou sendo considerado dentro de um determinado escopo, contribuindo para manter alguns paradigmas existentes no campo de investigação das afasias desde o século XIX. Num primeiro momento, procura-se apontar o contexto teórico em que o conceito passou a ser utilizado nos estudos da área e as implicações que resultaram para a compreensão do fenômeno afásico. Em segundo lugar, verifica-se como, a partir de estudos enunciativos atuais e dos postulados vygotkianos sobre a linguagem e sobre a relação entre linguagem e cognição, a noção pode ser reinterpretada, oferecendo novos elementos para o entendimento do fenômeno afásico, bem como orientando o olhar que se têm sobre a linguagem de sujeitos afásicos nas situações de avaliação e acompanhamento terapêutico.

A fim de compor nossa reflexão, além de apontar as idéias centrais de estudos lingüísticos vigentes em meados dos anos 80 do século XX, passa-se por trabalhos da área de Psicolingüística que trataram o tema.

2. NA AFASIOLOGIA TRADICIONAL A AFASIA É CONSIDERADA UM PROBLEMA DE LINGUAGEM INTERNA

Françoze (1987) demonstra ao longo de sua tese de doutoramento intitulada "Linguagem interna e afasia" que o conceito de linguagem interna está ligado ao núcleo da definição de afasia enquanto uma entidade nosológica, estando presente na sua explicação desde o início de sua história até os estudos mais recentes, dos autores soviéticos. O que o autor constata é que, na Afasiologia do século XIX, e em grande parte da produzida no século XX, o que tem preponderado é uma explicação para a afasia que parte, explícita ou implicitamente, do postulado de uma linguagem interna que é fortemente relacionada a um domínio mental em que a linguagem está "representada" por imagens sensorio-perceptivas conservadas em "centros" cerebrais específicos. Assim, vê-se que a concepção de linguagem que tem marcado os estudos afasiológicos é representacional: a realidade pré-existe, há um lugar anterior, superior frente à linguagem. Françoze aponta que nos estudos afasiológicos a relação entre a linguagem e o pensamento é, ou de exterioridade, na medida em

que estas seriam duas instâncias independentes entre si (e o pensamento seria anterior à linguagem), ou haveria uma relação interna entre elas, que se caracterizaria por uma relação de instrumentalidade da linguagem frente ao pensamento, isto é, a linguagem é vista como ferramenta do pensamento.

Na área de Neurolingüística, Lebrun (1983) procura deslocar essa tendência presente até então nos estudos afasiológicos de explicar as alterações de linguagem dos sujeitos afásicos em função de problemas do domínio cognitivo, incorporando aos estudos neurolingüísticos a distinção entre linguagem como objeto (nível lingüístico) e metalinguagem. Propõe o emprego deste último conceito para caracterizar as dificuldades lingüísticas observadas em sujeitos portadores de afasia amnésica, no lugar do que os neurologistas Gelb e Goldstein (1948) chamaram de perturbação do pensamento categorial ou atitude abstrata. Em suas palavras, “[...] parece que o que Goldstein e Gelb chamaram de atitude abstrata ou pensamento categorial e consideraram como uma capacidade mental generalizada, é de fato uma capacidade verbal, isto é, a habilidade de usar a metalinguagem” (op.cit.:38). Lebrun baseia-se em dados levantados por Goldstein (1948) relativos a sujeitos cujas dificuldades se dão sobretudo em “alçar” elementos gramaticais e isolá-los das frases usadas cotidianamente, ao terem que responder questões em que têm que nomear um objeto apontado ou após uma pergunta. Também são relatadas dificuldades de dar o sentido das palavras, parafrasear provérbios ou reformular frases, compreender jogos de palavras. Pode-se observar que Lebrun em sua argumentação serve-se da idéia de “operações metalingüísticas” como apresentada por Jakobson, vinculada à relação de equivalência/substituição entre termos lingüísticos.

3. A NOÇÃO DE METALINGUAGEM NA LINGÜÍSTICA E NA PSICOLINGÜÍSTICA

Segundo Gombert (1992), o neologismo “metalinguistics” (“Metalingüística”) firmou-se entre 1950 e 1960, quando os lingüistas passaram a usar o termo para designar as atividades associadas com “metalanguage” (“metalinguagem”), uma linguagem formada pelo conjunto de palavras da terminologia lingüística, como *sintaxe, semântica, fonema, palavra, sentença, letra*.

Culioli (1968) cunhou o termo “epilingüístico” para diferenciar as atividades meta e epilingüísticas, bem como seus diferentes níveis de consciência sobre o objeto lingüístico. Culioli entende a atividade epilingüística como “atividade metalingüística não consciente”. Em trabalhos lingüísticos de meados dos anos 80 do século XX (Franchi, 1977, 1987; Geraldí, 1991) e neurolingüísticos (Coudry, 1986/88; Coudry & Morato, 1988) pode-se ver que os autores se servem dessa distinção, colocando-a também em contraposição com a atividade lingüística. Observa-se que estes estudos reservam para as atividades metalingüísticas uma

dimensão lógico-gramatical, mais vinculada à reflexão sobre aspectos internos ao próprio sistema, deixando para as operações epilingüísticas o caráter de reflexão sobre a linguagem enquanto relacionada ao funcionamento da linguagem, isto é, em torno das práticas lingüísticas cotidianas.

De Lemos e Figueira, do posto de observação da Psicolingüística sócio-interacionista, têm refletido em alguns trabalhos sobre a noção de metalinguagem que tem permeado os estudos da área de aquisição da linguagem.

De Lemos (1997) aponta que, apesar de ser geralmente aceito que a criança é incapaz de realizar julgamentos de gramaticalidade, um grande conjunto de fenômenos de fala tem sido citado na literatura da área, dando-se conta do crescente interesse manifestado pela criança com relação à sua própria fala, quando passa a observar tanto a sua eficácia comunicativa quanto os aspectos formais da linguagem. Entre eles a autora elenca os "monitoring behaviour" (Cf. Levelt *et al.*, 1978) em que se incluem re-inícios, ajustamentos, auto-correções. Lembra também que outros fenômenos como a atividade de brincar com sons e palavras, são considerados como prática, e outros como compreensão de trocadilhos e adivinhas, são considerados como evidência da habilidade para lidar com homonímia e recategorização de palavras e estruturas (Cf. E. Clark). De Lemos salienta que as perspectivas construtivistas tratam estes fenômenos como habilidades metalingüísticas, que se manifestariam num momento final do processo de aquisição da linguagem e que corresponderiam a um conhecimento de natureza diferente do da fala ordinária. A autora, aponta que, na base destas abordagens, encontra-se a distinção entre língua-objeto e metalinguagem oriunda da Lógica e presente na Semântica Formal.

Figueira em dois estudos (1996, 1997) analisa alguns desses fenômenos à luz do enfoque sócio-interacionista: "erros" que se observam na fala das crianças ao nível da sintaxe, do léxico e da morfologia e a construção de adivinhas. Para a autora, essas ocorrências encontradas na aquisição da linguagem não são representativas de atividade metalingüística. Entende que os "erros" revelam um momento distinto no processo de aquisição da linguagem, em que a criança passa a operar sobre o objeto lingüístico, mostrando-se sensível aos mecanismos gramaticais que concorrem em sua língua. Figueira (1997) salienta que a tentativa de formulação de adivinhas aponta para um momento em que a criança experimenta a posição de intérprete de sua fala, assim como salienta uma mudança na sua relação com a linguagem ao procurar romper com o discurso ordinário. A autora defende a impossibilidade tanto de predizer a ordem de emergência de fatos deste tipo, como de explicar sua emergência como condicionada por desenvolvimento cognitivo/metacognitivo.

De Lemos (1997) aponta que a distinção entre habilidades lingüísticas e metalingüísticas fica insustentável na maioria das propostas construtivistas, uma vez que, nestas, a aquisição da linguagem supõe um objeto a ser aprendido ou (re)construído pela criança, o que levaria a ter-se que considerar a atividade da criança sobre o objeto lingüístico como metalingüística desde o início.

Na teoria gerativa, De Lemos ressalta que, para Chomsky, a única manifestação do conhecimento tácito a ser levado em conta em visões não-empiristas da linguagem é a intuição do falante nativo, implicada nos julgamentos de gramaticalidade. Desta forma, o que De Lemos evidencia é que nas diferentes teorias em aquisição da linguagem fica inviabilizado falar-se em “habilidade” ou “consciência” metalingüística. Para a autora (1997), o fato da criança proceder à auto-correções, à reformular seus enunciados, aponta para a possibilidade de a criança assumir a posição de intérprete de sua própria fala. De Lemos (2000) defende que, do ponto de vista do funcionamento da *langue*, as sucessivas recolocações das expressões lançam luz sobre o processo subjacente de “reconhecimento de erros” (em inglês, “error recognition”). A autora explicita que o reconhecimento de erros envolve tanto o reconhecimento das diferenças entre as expressões, de um ponto de vista semântico, como das restrições sintáticas e textuais que operam sobre elas ao nível sintagmático.

Entende De Lemos que o momento em que a criança interpreta o enunciado do adulto como uma solicitação de clarificação/correção aponta para um importante aspecto dos processos de identificação, qual seja, o reconhecimento que a criança faz do modo como seus enunciados afetam seu interlocutor e, conseqüentemente, o reconhecimento por parte da criança da alteridade, da presença de seu interlocutor.

4. O CONCEITO DE METALINGUAGEM À LUZ DE ESTUDOS ENUNCIATIVOS

As reflexões de autores afiliados a uma perspectiva enunciativa de linguagem, como Benveniste (1966/91), Authier-Révuz (1990, 1998), Possenti (1992, 1999a,b), Morato (1999, 2001a), apontam para um redimensionamento da discussão sobre a noção de metalinguagem. Ao levarem em conta os fatores enunciativos, as noções de consciência, reflexividade, distanciamento são deslocadas da esfera mentalista para uma discussão ancorada nos processos de significação em jogo nas práticas humanas.

A reflexão de Benveniste permite deslocar o conceito de “metalinguagem”, não só dos parâmetros lógicos, cuja acepção é mais do tipo técnico, caracterizando uma relação simétrica linguagem/mundo, mas também de uma visão que a concebe como operações sobre a língua “*stricto sensu*”. O autor, considerando o signo lingüístico em sua especificidade semiológica, explica porque este ocupa um lugar de destaque perante os demais sistemas semióticos. O signo lingüístico é o único que pode interpretar a si mesmo e aos outros, apresentando uma dimensão ao mesmo tempo semiótica e semântica. É aí que o autor localiza a faculdade metalingüística, dizendo: “*Daí provém seu (da língua) poder maior, o de criar um segundo nível de enunciação, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância.*” (1974/89:66) A questão da metalinguagem não fica restrita, portanto,

às relações internas ao sistema lingüístico, mas entendida como vinculada à ordem semântica, constituída pela enunciação e pelo discurso.

O estudo das formas meta-enunciativas abre a possibilidade de diálogo entre duas ordens, a da língua e a da exterioridade. Nesse sentido, as reflexões foram centralizadas nos estudos que têm sido desenvolvidos por Authier-Révuz e Possenti e, na linguagem de sujeitos afásicos, por Morato.

Authier-Révuz, volta-se para a observação dos comentários meta-enunciativos, relativos à modalização autonômica, destacando sua filiação ao campo da metalinguagem e ao campo da enunciação. Segundo a autora, esta é uma forma de reflexividade enunciativa, evidenciada pelas glosas ou pelos comentários sobre um fragmento da cadeia do discurso através dos quais este põe explicitamente uma alteridade em relação a si próprio. O retorno do dizer sobre si mesmo é explicado dentro de uma perspectiva que leva em conta uma exterioridade constitutiva do discurso e como uma possibilidade para o enunciator de se “colocar à distância” em relação à língua e seu funcionamento (ou seja, um outro tipo de exterioridade). Authier-Révuz destaca que as diversas formas de heterogeneidades enunciativas colocam em jogo noções enunciativas como distanciamento, polifonia ou divisão do sujeito enunciator. A fundamentação teórica da autora nos remete à concepção de um sujeito clivado pela linguagem e pelo inconsciente, portanto, submetido a estes funcionamentos.

A idéia de distância enunciativa vinculada à atividade metalingüística, já presente desde os trabalhos de Rey-Debove, amplia-se na medida em que mais fatos meta-enunciativos vão sendo discutidos. Possenti analisa a questão da “distância” tomando material verbal constituído de enunciados com efeito de sentido: piadas, “slogans”, comentários chistosos. Com Possenti, a possibilidade de o sujeito tomar distância de si mesmo e do seu discurso é reforçada pela postulação da presença de uma certa subjetividade, discursivamente concebida. O autor reivindica esta posição no interior do quadro da Análise do Discurso francesa, com base na demonstração de um trabalho sobre a linguagem que o sujeito realiza a depender da situação enunciativa e das posições enunciativas que toma ou assume (conscientemente ou não). O autor vê na possibilidade de o sujeito colocar-se à distância e a capacidade de colocar à distância seu discurso, uma das formas mais evidentes e relevantes de manifestação da subjetividade. Tal fato, para o autor, revela-se principalmente quando o sujeito opera sobre a linguagem, extraindo efeitos da língua em sua heterogeneidade.

Morato destaca que o estudo das formas meta-enunciativas, bem como a consideração da atitude ou postura dos sujeitos afásicos frente à heterogeneidade enunciativa, tendem a confirmar a hipótese de que os modos de funcionamento do componente “meta” não são de responsabilidade da língua ou da cognição, mas de uma competência de ordem pragmática, que coloca em relação um saber da/sobre a língua e um saber do mundo. Como observa Morato, as afasias, perturbando um e

outro saber (da língua, do mundo), podem se constituir em um bom lugar para pôr a claro uma relação que é, ontologicamente, de solidariedade.

Sendo um trabalho ancorado na discussão neurolinguística, outro movimento realizado foi o de buscar uma concepção da relação linguagem-cognição entendida a partir de uma perspectiva enunciativa. Vygotsky (1934/87) concebe a linguagem como o principal mediador simbólico entre as referências do mundo social e as do biológico. Essa visão encontra-se assemelhada aos postulados de autores como Bakhtin (1929/97), Humboldt (1836/1972), Benveniste (1966/91). O que esses autores salientam é que a significação só é possível por ser a linguagem basicamente uma atividade compartilhada entre os sujeitos, que se constitui em meio às contingências sócio-culturais. A linguagem internalizada é, desta forma, marcada pelas propriedades dialógicas e interativas da linguagem e pelas relações do signo verbal com os outros sistemas simbólicos que também significam.

A esse respeito, enfatizo a seguir um fragmento de Bakhtin (1997), que considero oportuno lembrar já que a reflexão que desenvolvo neste trabalho focaliza especialmente as afasias. Bakhtin lança luz sobre a discussão acerca da consciência do falante nativo com relação à língua, mostrando que esta é uma questão que deve ser entendida tomando-se como referência “a prática viva da língua”. O que parece se evidenciar com a discussão colocada por Bakhtin é que, tratando-se de linguagem em funcionamento, não cabe uma noção de consciência no sentido de uma reflexão sobre a linguagem, como a feita pelo linguista ao procurar entendê-la como um sistema formal. O que o locutor apreende e busca é a significação, o que lhe faz sentido. Talvez essa seja uma questão fundamental para se compreender a chamada propriedade de reflexividade da linguagem deslocada de uma operação do signo para uma operação necessariamente dialógica e interativa dos interlocutores em torno de objetos simbólicos.

Nas palavras do autor:

“Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou relacionadas à vida.

O critério de correção só se aplica à enunciação em situações anormais ou particulares (por exemplo, no estudo de uma língua estrangeira). Em condições normais, o critério de correção linguística cede lugar ao critério puramente ideológico: importa-nos menos a correção da enunciação do que seu valor de verdade ou de mentira, seu caráter poético ou vulgar etc. A língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida. Para se separar abstratamente a língua de seu conteúdo ideológico ou vivencial, é preciso elaborar procedimentos particulares não condicionados pelas motivações da consciência do locutor” (op.cit.:95-96).

5. IMPLICAÇÕES PARA A ÁREA DE NEUROLINGÜÍSTICA

É possível, tomando-se como referência as teorizações dos autores apresentados, verificar algumas implicações das questões apontadas para a área de Neurolingüística.

Jakobson trata a questão da metalinguagem de uma forma estruturalista, ficando a análise dos fatos lingüísticos e da função metalingüística reservada ao sistema lingüístico. Em seus estudos sobre a afasia mantém a noção de estrutura lingüística bipolar, entendendo-a como um problema exclusivo de língua, seguindo a visão clássica de que o pensamento “em si” não estaria afetado. Lebrun, na tentativa de ultrapassar a visão da afasia como fenômeno atribuído a conteúdos mentais, apóia-se numa conceituação de metalinguagem semelhante à de Jakobson, o que, de fato, acaba não produzindo mudanças teóricas com relação às formulações dos estudos afasiológicos clássicos. Dessa forma, evidencia-se que a noção de metalinguagem que permeou estes estudos reduz o fenômeno da metalinguagem a uma reflexividade de caráter descritivo e referencial, estritamente lingüística.

Com a fundamentação teórica dos autores afiliados à perspectiva enunciativa de linguagem e da relação entre linguagem e cognição podemos observar que aspectos como reflexão/consciência sobre a linguagem, reflexividade, distanciamento, são deslocados de algo da esfera mentalista para uma discussão ancorada nos processos de significação em jogo nas práticas humanas. Levar em conta as noções evidenciadas pelas teorias enunciativas: subjetividade, diferentes posições enunciativas que o sujeito ocupa na linguagem, interação e práticas efetivas com a linguagem estabelecidas entre enunciadorees, pode dar visibilidade a diversos fatos lingüísticos presentes nas afasias. Tais fatos são verificados com maior nitidez observando-se as diversas formas de explicitação dos processos de significação das quais o sujeito afásico lança mão, sobretudo na interlocução, nos processos semióticos não-verbais, nas práticas discursivas.

Pode-se dizer então que a visão tradicional da afasia como um problema de língua fica abalada a partir da perspectiva enunciativa de linguagem e da relação entre linguagem e cognição, uma vez que não se sustenta um isolamento do saber lingüístico dos outros elementos que constituem a significação. Da mesma forma, uma abordagem da noção de metalinguagem em que é vista como função metalingüística ou uma atividade do tipo essencialmente nocional, não permite que se visualize o fenômeno afásico de modo mais amplo. Aceitando-se a perspectiva enunciativa, faz-se necessário completar o aforismo lacaniano: “Não há metalinguagem” na medida em que “não há metalinguagem fora da linguagem”. Neste contexto teórico, a afasia pode ser entendida como um fato de linguagem em toda sua abrangência.

A partir do re-estudo da noção de metalinguagem, parece evidenciar-se que para quem atua junto ao restabelecimento da linguagem de sujeitos afásicos é fundamental propiciar condições para que o sujeito possa “*mover-se na linguagem*”

(usando uma expressão de Possenti, 1992), justamente para que ganhem visibilidade os lugares de distanciamento e de subjetividade. É nesse sentido que se diz que os testes tradicionalmente utilizados para a avaliação da linguagem de sujeitos afásicos, não revelam muito sobre suas condições lingüístico-cognitivas. Coudry (1986/88) destacou que o melhor lugar para estudar a linguagem nas afasias não é nos testes, mas sim onde ela funciona: nas práticas interativas humanas. Estudos discursivos sobre as afasias (Coudry & Morato, 1988; Coudry, 1997b, 1999, entre outros), evidenciam que a intervenção do interlocutor, operando também sobre a linguagem do sujeito afásico, convoca-o a ser observador da sua linguagem e a “trabalhar” sobre ela (nos termos de Franchi, 1977).

O que parece ficar claro é que o trabalho terapêutico nas afasias deve suscitar sempre a manifestação da subjetividade. Isto implica, como apontou Coudry (1997a), auxiliar o sujeito a entrar em contato com a sua condição patológica, conhecer seu estado e seus recursos expressivos e interpretativos disponíveis. Falar sobre a linguagem, em contextos significativos, pontuar questões relacionadas também sobre a própria linguagem nos seus vários níveis e na sua relação com o exterior discursivo, parece se colocar como condição para provocar mudanças na linguagem. Ou seja, é no interior de práticas discursivas significativas que o sujeito vai poder colocar-se no controle de sua própria fala e, portanto, de dizer de outra forma.

Para ilustrar as questões que o estudo enunciativo da metalinguagem descortina, selecionei dois dados já registrados e analisados por pesquisadores da área de Neurolingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. Os exemplos citados constituem-se de atividades de interação, entre sujeitos afásicos e não-afásicos, em situações realizadas no Centro de Convivência de Afásicos (CCA³/UNICAMP). Em atividades de interlocução observa-se que o sujeito afásico, que experimentara uma eficácia no uso da linguagem em sua vida pré-mórbida, e passa a não dispor mais dela (Cf. Coudry, 1986/88), busca de diversos modos resolver seus inúmeros problemas com a linguagem.

O primeiro exemplo foi extraído de MORATO (2001: 22). Este dado talvez possa indicar como o caráter “consciência” e “voluntário”, de forma recorrente associados à atividade metalingüística na literatura revisada neste trabalho, pode ser interpretado tomando-se como elemento para análise questões relacionadas à própria enunciação. Veja-se que o sujeito opera sobre sua linguagem, reorganizando-a

³ Funcionando no Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP em uma sede própria, o Centro de Convivência de Afásicos (CCA) é um espaço de interação entre pessoas afásicas e não-afásicas. Do ponto de vista institucional, o CCA – cujas atividades têm sido coordenadas pela Prof. Dr. Maria Irma Hadler Coudry e pela Prof. Dr. Edwiges Maria Morato – recobre três funções básicas inter-relacionadas: de assistência e apoio a sujeitos cérebro-lesados e suas famílias, de docência (graduação e pós-graduação na área de Neurolingüística, bem como atividades de extensão, como cursos de formação e divulgação) e de pesquisa (estudos individuais e integrados).

enquanto falava, em função provavelmente do tema da conversa, da manifestação do interlocutor.

{O grupo do CCA lê um artigo na revista “Veja” sobre a festa de aniversário de 50 anos do ex-presidente Fernando Collor de Mello, que parece ser, pelo teor do texto, uma preparação para as eleições municipais de 2000. Em seguida, os participantes passam a comentar o texto lido por todos. No trecho abaixo, a pesquisadora (Iem) questiona CI}:

Iem- O senhor acha que ele pode tentar sair o ano que vem, pra prefeito? Ele acha muito “lixo”, eu tenho a impressão, candidatura pra prefeito.

CI- Ele vai ser pres...feito de São Paulo.

Iem- É, porque dá uma visibilidade, assim, né?

CI- É, porque, presi...prefeito de São Paulo, o que o cara tem que fazer é:...car cargo político.

Iem- Mas quais os candidatos, já?

CI- Collor, Collor, Maluf...

Iem- Marta...

CI- Marta Suplicy...

Iem- A Erun...

CI- A heroína...

Iem- Êpa!

CI- Erundina...//risos dos demais, que parecem ter notado o ato falho de CI, que se mantém sério//.

Iem- //rindo, falando mais para o grupo do que para CI em particular// Que é uma forma de heroína...
(*op.cit.*:22) (ênfase da autora)

O exemplo a seguir foi retirado do texto de COUDRY & MORATO “A ação reguladora da interlocução e de operações epilingüísticas sobre objetos lingüísticos” (1988). O episódio abaixo foi registrado após a superação do estágio inicial de uma grave afasia, em que o sujeito AD passa a revelar dificuldade de manipulação lingüística da auto-referência. Para ajudar o sujeito a assumir diferentes posições enunciativas e recompor aspectos ligados à subjetividade e ao trabalho referencial, foi introduzida na interação entre AD e Iem outra pessoa afásica, que passou a ocupar o lugar da terceira pessoa nos enunciados de AD. A subjetividade, que emerge em sua fala na posição da terceira pessoa, o “eu” que emerge como “ela”, é recomposta em instância dialógica (que prevê um “eu” e um “tu”), em função dos papéis enunciativos assumidos pelo sujeito e no reconhecimento da presença do interlocutor. (*Cf. Coudry & Morato, op.cit.*)

Neste exemplo, saliento momentos em que a metalinguagem se deixa entrever por se observar um distanciamento do sujeito em relação ao seu discurso, em que, através de marcas no enunciado, explicita que relacionou sentidos. Há, pois,

evidências da presença de um “sujeito na linguagem” (POSSENTI, 1992) que produz novos sentidos, mesmo no contexto patológico.

AD - *//irritada, comentando suas dificuldades lingüísticas e motoras//* Eu faço um negócio e ela não consegue!

Iem - Quem não consegue?

AD - Eu! Eu não ando bem, eu noto, viu? O Plínio achou que ela...eu *//procede a uma rápida reformulação//* estava...estou bem melhor.

//Iem conta à AD a viagem que fizera ao Mato Grosso//

Iem - Fui também para o Pantanal.

AD - Ah, foste? Porque lá é...

Iem - Lindo...

AD - E tu achaste lindo?

Iem - Sim, sim. Pena que haja tanta matança de jacaré. O Governo não está muito atento...

AD - E com o que ele está atento? *//risos//*

//AD relata à Iem um encontro que tivera com outra senhora afásica//

AD - Ela tá bem.

Iem - Ela tá mais animada agora?

AD - Eu acho, ela ela está ela come *// hesitações//* melhor pra *// hesitações //* melhor pra comer não. Melhor do que eu. *//ri//* (op.cit.:130)

//AD comenta com Iem as opiniões de amigos a respeito de suas dificuldades lingüísticas e motoras//

AD - Mas elas sabem que eu vou saber, ela sabe.

Iem - Ela quem? *//AD ri, aparentemente da expressão de exagerada surpresa de Iem//.*

AD - As pessoas. “Ela” é as pessoas, as pessoas *//ri novamente//.* Pensou que eu não sabia mais? Agora é eu. (op.cit.131) (grifos meus)

BIBLIOGRAFIA

AUTHIER-RÉVUZ, J. (1982/90). Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 19 (25-42), IEL-UNICAMP.

_____. (1998). *Palavras Incertas - As não-coincidências do dizer*. Campinas: Ed. da Unicamp.

BAKHTIN, M. (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

BENVENISTE, É. (1966/91). *Problemas de lingüística geral I* - Campinas: Pontes.

_____. (1974/89). *Problemas de lingüística geral II* - Campinas: Pontes.

- CLARK, E.V. (1978). Awareness of language: Some evidence from what children say and do. In: *The child's conception of language*. A. Sinclair et al. (eds). Berlin: Springer-Verlag (16-44).
- COUDRY, M.I.H. (1986) *Diário de Narciso – Discurso e Afasia*. Tese de Doutorado Campinas: IEL/UNICAMP - Publicada em 1988, São Paulo: Martins Fontes
- COUDRY, M.I.H. & MORATO, E.M. (1988) A ação reguladora da interlocução e de operações epilíngüísticas sobre objetos lingüísticos – In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 15 (117-135) IEL-UNICAMP.
- _____. (1993) Neuropsicologia: Aspectos biológicos e sociais. In: *Temas em Neuropsicologia e Neurolingüística* -Vol. 1 (38-57). Rodrigues, N. & Mansur, L.L. (eds). São Paulo: Tec Art.
- _____. (1997a). Língua, discurso e lógica da linguagem patológica. In: *Cadernos da FFC*. Editora da UNESP. Marília, S.P., vol.6 (131-148).
- _____. (1997b). Questões enunciativas no contexto patológico. In: *Estudos lingüísticos, Anais de seminários do GEL, vol. XXVI (322-327), Taubaté/SP*.
- _____. (1999). Processos de subjetivação e trabalho lingüístico. In: *Estudos lingüísticos, Anais de seminários do GEL, vol. XXVIII (151-155), São José do Rio Preto/ SP*.
- CULIOLI, A. (1968). La formalisation en Linguistique. In: *Cahiers pour l'analyse*, 9 (106-117)
- DE LEMOS, C.T.G. (1997). Native speaker's intuitions and metalinguistic abilities: What do they have in common from the point of view of language acquisition? In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 33 (5-14) - IEL- UNICAMP.
- _____. (2000) Questioning the notion of development: The case of language acquisition. In: *Culture & Psychology* –Vol. 6 (2):169-182, SAGE Publications.
- FIGUEIRA, R.A. (1996). O erro como dado de eleição nos estudos de aquisição de linguagem. In: *O método e o dado no estudo da linguagem*. Castro, M.F.P. (Ed.) Campinas: Unicamp.
- _____. (1997). Children's riddles: What do they tell us about change in language acquisition? In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 33 (15-26) – IEL- UNICAMP.
- FRANCHI, C. (1977). Linguagem – Atividade constitutiva. In: *Almanaque 5* (9-26). São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1987) Criatividade e gramática. In: *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, 9 (5-45) IEL/UNICAMP.
- FRANÇOZO, E. (1987). *Linguagem interna e afasia*. Tese de Doutorado. UNICAMP.
- GERALDI, J.W. (1991). *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- GOLDSTEIN, K. (1948). *Language and language disturbances*. New York: Grune & Stratton.
- GOMBERT, J.E. (1992). *Metalinguistic development*. Chicago: University of Chicago Press.
- HUMBOLDT, W. (1836/1972). *Linguistic variability & intellectual development*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- JAKOBSON, R. (1954). Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. *Lingüística e Comunicação*, (34-62), São Paulo: Cultrix, 1981.
- _____. (1956). El metalenguaje como problema lingüístico. *El marco del lenguaje*, (81-91) México: Fondo de Cultura Económica, 1988 (título original, 1980)
- _____. (1960). Lingüística e Poética. *Lingüística e Comunicação*, (118-162), São Paulo: Cultrix, 1981.

- _____. (1963). Towards a linguistic typology of aphasic impairments. In: *Studies on child language and aphasia*. Paris: Mouton, 1971.
- LANDI, R. (1994). Com Jakobson, sobre a afasia. In: *Fonoaudiologia: no sentido da linguagem*. (Maria Francisca Lier-De Vitto org.), (91-102). São Paulo: Cortez Editora.
- LEBRUN, Y. (1983). *Tratado da afasia*. São Paulo: Panamed editorial.
- LEVELT, W.J.M., A. SINCLAIR & R.J. JARVELLA (1978). Causes and functions of linguistic awareness in language acquisition. In: *The child's conception of language*. A. Sinclair, R.J. Jarvella & W.J.M. Levelt (eds). Berlim: Springer-Verlag (1-16).
- LYONS, J. (1977). *Semântica*. Vol. I – Editorial Presença – Martins Fontes.
- MORATO, E.M. (1999). A construção meta-enunciativa no discurso de sujeitos com afasia e neurodegenerescência: Subsídios teórico-metodológicos para a elaboração de um protocolo de investigação neurolinguística (Projeto de Pesquisa/CNPq- n° 301396/96-5).
- _____. (2001). Neurolinguística – In: *Introdução à Linguística. Domínios e fronteiras* – Vol. 2. Mussalim, F. & Bentes, A.C. São Paulo: Cortez Editora.
- _____. (2001a). A construção meta-enunciativa na linguagem de sujeitos afásicos: subsídios para um protocolo de investigação neurolinguística. - Relatório Parcial da Pesquisa (CNPq) n°301396/96-5 (NV) Nível 2B-modalidade: PQ.
- POSSENTI, S. (1992). Metalinguagem, tem! In: *Anais de Seminários do GEL*, vol. XXI (1123-1130), Franca/SP.
- _____. (1999a). Metaenunciação: Uma questão de interdiscurso e de relevância. Texto apresentado no III Colóquio latinoamericano de analistas do discurso.
- _____. (1999b). O sujeito e a distância de si e do discurso. In: *Estudos Linguísticos, Anais de Seminários do GEL*, vol. XXVIII (156-161), São José do Rio Preto/SP.
- REY-DEBOVE, J. (1978/86). *Le Métalangage*. Paris: Le Robert.
- VYGOTSKY, L.S. (1987). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes. (Tradução de "Thought and language" (1962), Cambridge: M.I.T. Press. Original russo de 1934).